

Resistência indígena na correspondência anchietana

Thais Elisa S. da Silveira (pós-graduada em Ensino de História; mestranda / PUC Rio).

Relatar as edificações da Companhia de Jesus em cartas era uma obrigação de todo jesuíta, sendo ordem expressa pelo fundador da Ordem, Inácio de Loyola. Era narrando os sucessos da Companhia na América portuguesa através das correspondências que José de Anchieta e seus companheiros ajudavam a provar a capacidade de conversão dos nativos e de sua pacificação, revelando a possibilidade latente de se tornarem futuramente bons cristãos e súditos do rei português. Isto legitimava o projeto missionário da Companhia perante não só a Igreja Católica quanto a Coroa Portuguesa. No entanto, o espaço que deveria ser destinado às edificações jesuíticas nas cartas foi usado por Anchieta para queixas contra os índios e para explicações e indagações sobre a resistência principalmente ao projeto missionário.

As resistências puderam ser observadas em diversas práticas e manifestações indígenas. Uma delas, identificada por Ronaldo Vainfas como idolatrias ajustadas, era praticada por índios já submetidos de alguma forma ao sistema colonial ao manter alguns de seus códigos culturais de formas visíveis ou invisíveis ao colonizador, não tendo necessariamente a intenção de afrontar os missionários.¹ Nas correspondências jesuíticas não faltaram reclamações de certas práticas indígenas, assim como o que consideraram incestos, a poligamia, a antropofagia, a nudez, as bebidas, os cantos, as festas, entre outras.

Certamente, muitas dessas formas de resistência passaram despercebidas pelos jesuítas. A aceitação da cultura do outro, por parte dos ameríndios e sua apropriação eram remodelados de acordo com a sua própria cultura e suas necessidades. Assim como explica Maria R. C. de Almeida: “*Esquemas mentais diversos para se entender o mundo e as coisas levavam a diferentes compreensões de uma mesma realidade ou evento. Assim, o que os padres podiam entender como conversão ou submissão, para os índios podia ser algo bem diverso*”.² O que para os jesuítas significava exemplos de conversão, como muitos já citados aqui, podia ter outro significado para os índios.

A mesma autora fala da vivência nos aldeamentos como uma possibilidade de resistência adaptativa, conceito elaborado por Steave Stern. A colaboração com os portugueses podia ser uma estratégia de sobrevivência num espaço extremamente hostil que a costa da América

¹ Ronaldo Vainfas. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 31-34.

² ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 2003. p.149.

Portuguesa havia se transformado com a chegada dos colonizadores.³ Por mais que os aldeamentos tenham sido elaborados pelos jesuítas, na prática também foi um espaço de criação dos ameríndios, que mesmo aceitando viver sob algumas condições impostas pelos padres, resistiram a muitas delas e também negociaram outras. A vida nas aldeias não significou apenas perdas, mas também alguns ganhos.

Outra forma de resistir era os levantes e as guerras movidas contra os portugueses, uma reação especialmente dos que chamavam de tapuias (não tupis) a agressão dos lusitanos ao invadir o espaço indígena e escravizar os nativos.

Existia também um outro tipo de guerra travada na América Portuguesa, que não acontecia só no plano das armas, não sendo apenas uma luta pela terra e pela liberdade, mas principalmente uma busca da própria legitimidade perante o outro. Estando principalmente no campo do discurso, estas guerras cósmicas, travadas especialmente pelos pajés (e/ ou caraíbas) e os padres, muitas vezes colocava em xeque os elementos culturais, a religiosidade e até a própria concepção da essência da natureza humana. Esta forma de resistência, que tinha como objetivo questionar a colonização e o cristianismo, teve uma de suas vertentes mais interessantes as santidades indígenas, que nas crônicas quinhentistas eram sinônimos de revolta e/ ou heresia indígena.

As explicações encontradas por José de Anchieta para os movimentos de resistência indígena foram variadas; contudo, impedido por sua compreensão do mundo etnocêntrica, onde existiria uma só verdade (a cristã) e as diferenças colocadas na parte inferior de uma cadeia de similitudes⁴, o apóstolo do Brasil nunca considerou que o que nomeou de inconstância, ferocidade, ingenuidade e bestialidade indígena poderia ser apenas uma reação contrária ao domínio e extinção de suas próprias vidas ou uma forma de adaptação à nova realidade que era imposta a eles.

Ao tratar da resistência indígena, Anchieta recorreu, na maioria das vezes, a Tradição do Velho Continente buscando personagens, ambientes e estereótipos sempre negativos. As ações do diabo foram uma das explicações para as resistências indígenas, especialmente aquelas que manifestavam quotidianamente dentro das aldeias jesuíticas, quando os índios insistiam em manter elementos antigos a sua nova cultura, mesmo contrariando os missionários. Satanás, velho conhecido dos católicos que há muito tempo temiam e combatiam, utilizava, segundo o

³ Cf. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfozes indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 2003. .

⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

jesuíta, suas artimanhas para parodiar a Deus, enganar e influenciar os índios, para que estes permanecessem em suas vidas pecaminosas e afastados da glória de Deus.⁵

O padre parecia não ter dúvidas da presença demoníaca nas terras brasílicas, que no seu julgamento causava muito mal aos índios. Seu grande inimigo dava prova de sua existência dentro da própria natureza, agindo como se fosse parte integrante dela. Em solicitação ao pedido do Geral da Companhia de Jesus Diogo Laínes, Anchieta escreveu uma carta com informações sobre a fauna, a flora e a geografia de São Vicente. Entre outras descrições, o jesuíta revelou a existência de “*espectros noturnos, ou antes demônios*” habitantes das florestas que muito assustavam os nativos. Segundo o padre:

“É conhecido e anda na boca de todos, haver uns demônios que os brasís chamam corupira, que muitas vezes no mato cometem os índios, e os ferem com açoites, atormentam e matam.(...) Há outros nos rios, que dizem igipiára, isto é ‘moradores da água’, que do mesmo modo matam os índios (...) Há outros que chamam bêtata, isto é ‘coisa de fogo’ ... ataca os índios e mata como o corupira.”⁶

Este trecho revela dados muito interessantes. Ao mesmo tempo em que os índios aldeados aceitavam a doutrina cristã, mas a resignificava de acordo com sua compreensão e sua necessidade, os jesuítas, apesar de quererem eliminar grande parte dos elementos culturais característicos dos nativos da época, também se apropriavam desses elementos, resignificando-os, assim como os índios, de acordo com suas compreensões e necessidades.

Em várias correspondências, Anchieta narrou diversas vezes o que entendeu por artifícios do diabo, que utilizava malignas façanhas para corromper especialmente os índios catecúmenos. O jesuíta contava que seu inimigo se irritava com os ensinamentos que os padres davam aos índios assim como a paz em que viviam as aldeias da Companhia de Jesus. Assim, o demônio fazia de tudo para que os índios relembassem seus antigos costumes, os quais os jesuítas lutavam para extinguir.

A negação de seus discípulos, especialmente dos mais velhos, em aceitar a fé cristã era explicada por uma natureza indígena (que será tratada mais adiante) que os deixavam mais facilmente influenciáveis pelo demônio. Para Anchieta, o inimigo agia de várias formas, algumas vezes na natureza, outras diretamente nos índios, e por vezes se utilizava ao menos dois agentes: alguns mestiços e feiticeiros.

⁵ Cf. SOUZA, Laura de Melo e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶ ANCHIETA, José. *Carta ao geral P. Diogo Laines*. São Vicente, 1560. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 144/145.

A implicância do jesuíta contra os cristãos filhos de pais portugueses e mães brasílicas já existia desde seu primeiro ano no Brasil, quando recolheu alguns rapazes mestiços para ampará-los e ajudá-los, com esperança que pudessem ajudar na conversão do gentio. No entanto, contrariando as intenções do padre, fugiram “tentados pelo espírito de fornicção”. Um pouco mais tarde, Anchieta revelou que os jesuítas tinham problemas com os mestiços, que em sua consideração estavam “*tão duros e cegos, que crescem cada vez mais no ódio que nos tem. Não podendo exercer contra nós por obras, aplicam-no à ruína dos índios.*”⁷ Segundo o padre, os mestiços incitando os índios a praticarem seus antigos costumes, especialmente o de matar contrários e de comer carne humana, desmoralizavam os catecúmenos que deixavam os missionários, “*entregando a Satanás que não queria seguir a Cristo.*”⁸

Quanto aos feiticeiros, Anchieta referiu-se apenas uma vez na ligação entre eles e o diabo; mas este episódio revela aspectos muito interessantes. Um dos pajés, por volta de 1557, teria ido a Piratininga e, persuadindo os índios com uma “diabólica imaginação”, fez com que fossem embora fazer outras moradas. O feiticeiro teria dito que a igreja era feita para a destruição dos índios e que os padres, ajudando aos portugueses, iriam matar os que não fossem batizados e escravizar os que já fossem.⁹

Esta narrativa difere-se das outras sobre os pajés indígenas. Em outras cartas, Anchieta refere-se a eles até com certo deboche:

*“Mas vou dizer outra coisa, que V. P. julgará se é mais digna de lástima ou de riso, e talvez deplora a cegueira e zombe da loucura (...) depois da longa (digamos assim) disputa, ele [feiticeiro] disse: ‘Também eu conheço a Deus e o Filho de Deus, e há pouco, mordendo-me o meu cão, mandei chamar o Filho de Deus para que me trouxesse remédio e ele veio logo, e, irado contra o cão, trouxe consigo aquela impetuosa ventania, que derrubou os matos, e me vingou do mal que o cão fizera’ (...). E respondendo-lhe o padre ‘mentes’, as mulheres já cristãs (...) não puderam conter o riso, escarnecendo a loucura do feiticeiro.”*¹⁰

Ao que parece, Anchieta associou as ações e discursos dos pajés muito mais a loucura, a ignorância e até mesmo ao charlatanismo, do que a práticas demoníacas ou mesmo a bruxaria. Apesar de denominá-los feiticeiros, o que indica a associação dos pajés à feitiçaria européia no

⁷ Idem. *Quadrimestre de setembro a dezembro de 1554 e Trimestral de janeiro a março de 1555, dirigida a Santo Inácio de Loyola*. São Vicente, 1555. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 93

⁸ Ibidem, loc. cit.

⁹ Idem. Carta aos Padres e Irmãos de Portugal, São Paulo de Piratininga, 1557. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 119.

¹⁰ Idem. *Carta ao geral P. Diogo Laines*. São Vicente, 1560. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 127.

imaginário dos religiosos, o jesuíta mostrou não acreditar muito nos poderes mágicos destas pessoas. Pelo contrário, sempre os chamou de mentirosos, chegando muitas vezes a afirmar que eles tinham medo dos padres porque estes desmascaravam facilmente as suas enganações e por isto só apareciam nas aldeias jesuíticas ocultamente. Apesar de um aparente descaso com os pajés, em várias situações Anchieta irritou-se com eles, já que exortavam muitos índios catecúmenos a voltarem aos seus antigos costumes.

É interessante perceber que enquanto o discurso e a prática dos pajés não faziam sentido para os religiosos e muito menos seguiam a uma mesma lógica cristã européia, como na citação acima ou como a prática de chupar o corpo dos doentes para retirar as doenças, Anchieta parecia não identificar estas pessoas ao demônio, mesmo os chamando de feiticeiros. Porém, como no outro exemplo, quando um deles fez uma acusação baseada em argumentos que para o jesuíta poderiam ser falsos e caluniosos, mas que seguia a um raciocínio que ele entendia, logo demonizou o discurso deste pajé. Afinal, sabia que não faltavam portugueses querendo matar e cativar índios.

Nem sempre, no entendimento do padre, o Demônio utilizava agentes para “contaminar” os índios. Algumas vezes José de Anchieta relatou a existência de uma influência direta do Diabo sobre os catecúmenos, especialmente entre aqueles que após algum tempo de contato com os jesuítas migraram para outros lugares. Concluiu que, vivendo longe dos padres, os índios voltavam a aprender os costumes do demônio.

Acreditando viver numa terra cativada por Satanás, cuja manifestação revelava-se na natureza e nas culturas indígenas, entendia que seu maior inimigo subjugava uma multidão de índios, contaminando a todos com seu nefando contágio. Segundo Anchieta, se o diabo pudesse, afastaria até os portugueses da fé.

Percebendo a manifestação demoníaca por todas as partes, o padre parecia sentir-se numa verdadeira guerra contra Satanás, combatendo o inimigo como um grande soldado de Cristo pronto à conquista das almas indígenas:

“Pouco há cativaram outro, que levaram a um outro lugar para matar. E detendo-se uma noite em Piratininga, foram os irmãos a lhe dar combate com as armas da palavra divina, a ver se podiam tomar por força de armas aquela fortaleza, que a tanto tempo havia estava ocupada por Satanás, e convertê-la ao senhorio de nosso Salvador. Logo ao primeiro ataque, fugiu o demônio, que estava em sua alma, querendo-se ele converter à fé.”¹¹

¹¹ Idem. Carta ao Geral P. Diogo Laínes. São Vicente, 1560. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 163.

É curioso observar que nas cartas anchietanas as manifestações demoníacas revelavam-se especialmente entre os catecúmenos. Entre os outros índios, incluindo aqueles que fizeram de sua resistência uma perigosa ameaça a colonização portuguesa, como os tamoios e os aimorés, a demonização foi quase nula, a não ser quando generalizava ao afirmar que o diabo cativava toda a América. Talvez fosse aceitável para o jesuíta que entre povos considerados de natureza inferior e que nunca (ou quase nunca) tivessem ouvido as palavras da salvação existissem costumes para ele tão bárbaros e bestiais. No entanto, era praticamente incompreensível que entre os índios que viviam diariamente entre os missionários ouvindo a revelação, houvesse tanta insistência na manutenção de costumes considerados abomináveis.

Não foi só aos demônios que José atribuiu as causas da resistência. Entre seus pupilos, atribuía a persistência indígena em manter traços culturais que considerava execráveis mais a características bárbaras e selvagens dos nativos do que a manifestações demoníacas.

A antropofagia, prática existente entre tupis, tamoios e outros, foi o costume que mais assustou o jesuíta e o que lhe deu maior base para sustentar a idéia de que os índios estavam muito mais próximos da natureza das feras do que de homens. Não faltaram exageros na caracterização, por exemplo, dos aimorés:

“Trata-se de uma casta de homens, ou melhor de feras, tão brava e cruel, que deixam para atrás, a imensa distância, aos mais truculentos animais ferozes. Que leão jamais, por acicatado que esteja pela fome e pela raiva, devorou uma criança arrancada ao ventre materno e assada ao espeto, na presença dos próprios pais?”¹²

Assistindo e ouvindo horrorizado certas práticas indígenas incomuns ou inexistentes na Europa, Anchieta passou a perceber o que para ele seriam pontos de similaridades entre índios e animais. A animalização do índio foi comum em suas correspondências, especialmente as que narraram seu cativeiro entre os tamoios, onde não faltaram comparações com os animais mais ferozes das selvas e dos mares como lobos, tigres, leões e até baleias. Esta aproximação dos índios aos animais mais ferozes e perigosos valorizava e enaltecia o trabalho dos missionários da Companhia de Jesus no Novo Mundo, que passaram a ter mais uma importante missão: domar, amansar, “pacificar” a população brasílica, como se fossem cavalos arreados.

A relação feita entre animais e índios dava legitimidade para o uso da violência no processo de catequização/ pacificação/ domesticação dos nativos. Mesmo sendo grande defensor da liberdade dos índios, com o passar do tempo, vendo que a conversão pelo amor dos padres

¹² Idem. *Anuário de 1581*. Bahia, 1582. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 482.

era impossível, tornou-se partidário da mão forte contra os resistentes, chegando a afirmar que não haveria melhor pregação que a espada e a vara de ferro.

Existiram outras caracterizações depreciativas dos índios resistentes feitas por Anchieta: bárbaros, indômitos, cruéis, carniceiros, bestiais, falsos, inconstantes, depravados, infiéis, infelizes, entre outros. Mesmo quando se abstinha de atribuir-lhes muitos adjetivos, o padre não deixava de dar um tom pejorativo às práticas indígenas, como na citação a seguir:

“... toda esta costa marítima, na extensão de 900 milhas, é habitadas por índios que sem exceção comem carne humana; nisto sentem tanto prazer e doçura que frequentemente percorrem mais de 300 milhas quando vão a guerra. E se cativarem quatro ou cinco inimigos, sem cuidarem de mais nada, regressam para com grandes vozearias e festas e copiosíssimos vinhos, que fabricam com raízes, os comem, de que não perdem nem sequer a menor unha [!!!], e toda vida se gloriam daquela egrégia vitória.”¹³

A utilização de adjetivos negativos especialmente ao narrar a reação indígena contra a dominação européia mais uma vez reforçava a idéia da inferioridade indígena, que precisava da religião e cultura européia não só para salvação, mas também para seu desenvolvimento. Sem a ajuda da Europa e dos religiosos, nada poderia se esperar dos índios que não fosse a desordem, a barbárie e o pecado: “... [referindo-se ao princípio de uma nova guerra] qual se poderia esperar de gente tão bestial e carniceira, que vive sem lei nem rei...”¹⁴

Após alguns anos em contato com os tupis, observando a resistência destes índios em se apartarem do que considerava “maus costumes”, Anchieta chegou a pensar que tamanha insistência só poderia ser explicada se tais hábitos pertencessem a uma natureza indígena. Segundo o jesuíta, os maus costumes dos pais transmitidos aos filhos praticamente se tornavam uma natureza, fazendo com que eles cerrassem os ouvidos à Palavra. O hábito de beber foi um dos que Anchieta afirmou pertencer a uma natureza indígena. Não foi à toa: a bebida era um costume que muito incomodava o padre, pois segundo suas próprias palavras: “quando estão mais bebados, renova-se a memória dos males passados, e começando a vangloriar-se deles, ardem no desejo de matar inimigos e na fome de carne humana.”¹⁵

¹³ Idem. *Quadrimestre de maio a setembro*. São Paulo de Piratininga, 1554. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 75-76.

¹⁴ Idem, Carta ao Geral P. Diogo Laínes. São Vicente, 1565. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 246.

¹⁵ Idem. *Quadrimestre de setembro a dezembro de 1554 e Trimestral de janeiro a março de 1555, dirigida a Santo Inácio de Loyola*. São Vicente, 1555. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 92.

Além da influência do demônio e da existência de uma natureza indígena, José de Anchieta ainda atribuiu à resistência outras causas. Desde seus primeiros anos nos trópicos, reclamou da má influência de alguns elementos, especialmente sobre as crianças e os catecúmenos: índios mais velhos e portugueses. Porém, ao contrário dos mestiços e dos feiticeiros, a ação destas pessoas não foram demonizadas.

Provavelmente, a maior decepção de Anchieta foi ver os meninos índios, de que sempre tinha se referido com muita esperança e alegria, ao se tornarem jovens seguirem aos seus pais “*com tanto maior descaramento e desenfreio se dão às bebedeiras e luxúrias, quanto com maior modéstia e obediência se entregavam dantes aos costumes cristãos e divinos ensinamentos.*”¹⁶ Isto acontecia principalmente por causa do nomadismo, um costume que muito irritou o jesuíta.

Por outro lado, Anchieta viu na influência e nos péssimos exemplos dos que chamou de maus cristãos, o incentivo necessário a manutenção de alguns elementos culturais. Várias vezes o jesuíta reclamou de portugueses que viviam como índios, da vista grossa que vários faziam aos costumes indígenas e ainda dos que se utilizavam da inocência e ignorância indígena para beneficiarem-se com guerras e vinganças.

É curioso como a influência destes grupos não foi associada ao demônio, ao contrário de mestiços e pajés. Mas, se as más atitudes dos portugueses não estavam associadas ao demônio, o Todo Poderoso não deixava de vê-las e de puni-los por isto. Anchieta considerava que alguns sucessos das investidas dos índios contra os portugueses eram verdadeiros castigos divinos pelas sem-razões lusitanas que enganavam nações que antes eram amigas, salteando, enganando, e até matando.

Para o missionário, Deus ficava dos céus observando e interferindo nas injustiças ocorridas na América portuguesa. O sucesso dos tamoios num ataque a São Paulo em 1562, entre outras investidas, foi explicado pela justiça divina. No entanto, Deus também castigava os índios por causa da sua resistência. O jesuíta considerava especialmente que as doenças, mortes e epidemias eram a resposta vinda dos céus para a impertinência indígena. Em 1554, narrou a doença súbita que havia atacado os seus queridos carijós. Mais tarde descobriu que não estavam muitos dispostos com os padres, pretendendo apartarem-se da palavra de Deus.

A resistência indígena, especialmente em relação à conquista de suas almas, surpreendeu José de Anchieta fazendo com que a impertinência indígena ocupasse um espaço muito grande em sua correspondência que objetivava revelar as edificações da Companhia de Jesus no Novo Mundo. As explicações do jesuíta para tal fenômeno variaram da influência do Demônio,

¹⁶ Idem, Carta ao Geral P. Diogo Laínes. São Vicente, 1560. In: _____. *Cartas, correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 165.

passando por uma natureza indígena, até a ajuda de Deus. Assim, dotado de respostas buscadas na tradição cristã, Anchieta não precisou questionar a verdade universal católica para compreender os ameríndios.

Por mais que se esforçassem, os jesuítas não conseguiram alcançar plenamente seus objetivos. Muitos índios aceitaram viver nos aldeamentos, colaboraram com os portugueses, modificaram suas culturas, mas não apenas sob as condições dos colonizadores. Os jesuítas tiveram que inovar e trazer elementos considerados profanos para conseguir ter algum sucesso entre os índios, mas ainda assim, vários elementos do cristianismo aceitos por eles ganharam significados novos que muitas vezes iam além da compreensão dos jesuítas.

Ao deixarmos o entendimento desses índios como derrotados e completamente submetidos à colonização, passamos a entender que a tentativa de manter algumas de suas tradições, como foi mostrado várias vezes nesse trabalho, não foram os últimos suspiros de um povo que logo entraria em extinção, mas sim o resultado de conflitos e de negociações entre grupos que se aliaram por motivos diferentes e que se transformaram no decorrer da colonização. Sem negar a grande desigualdade nessas relações e os enormes danos causados aos nativos da América, podemos afirmar que os índios aldeados tinham o comando de suas próprias vidas e por isso, mesmo em posição subalterna, não deixavam de se rebelar quando as imposições não eram de seus interesses.

Referências:

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas. Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 2003.
- ANCHIETA, José de. *Cartas: Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. RJ: Contracapa, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entra e sair da modernidade*. SP: Edusp, 2003.
- DAHER, Andréa. *Escrita e conversão. A gramática tupi e os catecismos bilíngües no Brasil do século XVI*. Disponível em:
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBED08/RBE08_05_ANDREA_DAHHER.pdf
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. RJ: Zahar Editores, 1978.
- GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HILL, Jonathan. *History, Power and Identity*. University of Iowa Press, 1996.
- HÖFFNER, Joseph. *Colonialismo e Evangelho: ética do colonialismo espanhol no século do ouro*. Rio de Janeiro: ed. Presença, 1973.
- HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; GRIJIP, Klaus Van Der; BROND, Benno. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEITE, Edgard. *Almas e Espíritos: embate entre índios e europeus sobre a natureza da condição humana*. Rio de Janeiro: Ed.Uerj, 2001.
- _____. *Resistência à “Língua Geral” no Brasil e Maranhão, séc. XVIII*. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, a 160, n. 403, abr./jun. 1999.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- MONTEIRO. John Manuel. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NEVES. Luiz Felipe Baeta. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1978.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. In OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.) *A Viagem da Volta Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural*. RJ: Contra Capa Livraria, 2004.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

SOUZA, Laura de Melo e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TODOROV, T. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TORRES LONDAÑO, Fernando. *Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no séc. XVI*. *Revista Brasileira de História* n. 43, vol. 22, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.